

CRUZ, N. C. Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

INTELGIBILIDADE DE PRONÚNCIA NO CONTEXTO DE INGLÊS COMO LÍNGUA INTERNACIONAL

Neide Cesar CRUZ (Universidade Federal de Campina Grande)

ABSTRACT: *This study aims at testing the reliability of the “Lingua Franca Core” (LFC), proposed by Jenkins (2000). The data involve interactions among 5 speakers of English as an International Language: one Brazilian, one Japanese, one German, and two Thais. The results cast doubts on the reliability of the LFC.*

KEYWORDS: *intelligibility; pronunciation; international language*

0. Introdução

Inglês como Língua Internacional (ILI) refere-se ao inglês usado nas interações entre falantes não-nativos que têm línguas maternas (L1) diferentes. Essas interações têm crescido continuamente no mundo. Devido ao intenso crescimento do uso de ILI, estima-se que 80% das comunicações em inglês não incluem nativos (Seilhofer, 2002).

Baseando-se nesses números, Jenkins (2000) argumenta que, como a maioria das interações em inglês atualmente não envolve nativos, variantes do inglês - Received Pronunciation, General American - não devem mais ser usadas como normas para a correção da pronúncia de falantes de ILI. A autora defende que é preciso estabelecer quais aspectos de pronúncia podem impedir a inteligibilidade em interações envolvendo falantes de ILI, e quais aspectos não afetam a inteligibilidade dos falantes nessas interações.

Jenkins (2000) apresenta esses aspectos através de um modelo fonológico para inteligibilidade, chamado Lingua Franca Core (LFC). O modelo é derivado da análise de dados empíricos envolvendo interações entre falantes de ILI. A autora identificou nessas interações problemas de comunicação devido a desvios de pronúncia produzidos pelos falantes. Baseando-se nos resultados obtidos, Jenkins (2000) propõe o LFC, que

CRUZ, N. C. Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

corresponde a um conjunto de aspectos de pronúncia considerados essenciais e necessários para garantir a inteligibilidade fonológica nas interações entre falantes de ILI. Esses aspectos devem ser ensinados e enfatizados no ensino de pronúncia. Jenkins (2000) sugere, também, as áreas de pronúncia que devem ser excluídas do LFC, uma vez que não impedem a inteligibilidade entre falantes de ILI. Essas áreas, segundo a autora, não devem ser ensinadas. Os aspectos incluídos no LFC são: (1) consoantes, exceto as fricativas dentais /θ/ e /ð/; (2) grupo consonantal (consonant cluster); (3) extensão de vogais (vowel quantity) e ditongos; e (4) proeminência (nuclear stress). As áreas excluídas do LFC são: (1) formas fracas de palavras gramaticais; (2) acentuação de palavras; e (3) tons (essencialmente ascendente e descendente).

A proposta do LFC gerou debates e objeções por parte dos profissionais da área de ensino de inglês como língua estrangeira (Hewings, 2001; Deterding, 2001). Uma das objeções diz respeito à confiabilidade do LFC. Alguns estudiosos não o consideram definitivo, argumentando que há a necessidade de um maior número de dados empíricos para confirmar a inclusão e/ou exclusão no LFC das áreas de pronúncia sugeridas por Jenkins (2000). A esse respeito, Keys & Walker (2002) sugerem que os elementos chaves do LFC devem ser desenvolvidos a luz de estudos de pequeno ou grande porte envolvendo fala espontânea, e focalizando falantes de ILI. A sugestão dada por esses autores motivou-nos a desenvolver este estudo de pequeno porte que tem como objetivo testar a validade do LFC desenvolvido por Jenkins (2000). A fim de alcançar tal objetivo, identificamos problemas de compreensão devido a desvios de pronúncia em conversas informais envolvendo falantes de ILI, tencionando responder a seguinte questão: os aspectos de pronúncia que causaram problemas de compreensão entre os participantes deste estudo estão incluídos no LFC proposto por Jenkins (2000)?

1. Coleta de dados

Os dados analisados envolvem conversas informais em inglês entre 5 falantes de ILI: uma brasileira, um alemão, um japonês e duas tailandesas¹. A coleta de dados foi feita entre junho de 2002 e junho de 2003 em Birmingham, Inglaterra, através de gravações de interações ocorridas entre os participantes e de anotações. Todos os participantes tinham conhecimento das gravações e autorizaram a utilização das mesmas em pesquisas.

A seleção dos dados para análise seguiu as etapas descritas a seguir:

1- Selecionamos os trechos das conversas onde havia quebras na comunicação. O critério para estabelecer onde havia uma quebra foi a reação do ouvinte. Uma vez que inteligibilidade é entendida aqui como sendo a primeira impressão, somente a primeira reação dos ouvintes foi levada em consideração. Há dois tipos de reações: (1) o ouvinte pedia ao falante para repetir o que tinha dito, usando o vocábulo *sorry* e entoação ascendente; e (2) o próprio ouvinte repetia com entoação ascendente o vocábulo contendo algum desvio de pronúncia da mesma forma que tinha sido pronunciado pelo falante (ver anexo).

2 - Após a seleção dos trechos, identificamos o motivo que ocasionou a quebra na comunicação, a fim de confirmarmos se a mesma teria acontecido devido a desvios de pronúncia. Nesta etapa, enfrentamos um grande obstáculo, uma vez que os outros participantes - o alemão, as tailandesas e o japonês - ao ouvirem as gravações pela pesquisadora, não conseguiam explicar a razão da falta de entendimento dos vocábulos. As respostas mais comuns que nos foram dadas: 'não ouvi direito' ("I didn't hear it") ou 'não sei' ("I don't know")². Devido a existência desse obstáculo, decidimos incluir na análise dos dados dois tipos de interações: (1) as interações em que estava claro pela reação do ouvinte que o mesmo não havia entendido o vocábulo contendo desvio de pronúncia; e (2) as interações em que o ouvinte foi capaz de explicar em uma conversa informal com a pesquisadora a causa da falta de compreensão.

2. Fundamentação teórica

O aspecto que consideramos relevante para este estudo diz respeito às variáveis que podem afetar a inteligibilidade. A inteligibilidade é considerada complexa e muito difícil de se medir, devido ao grande número de variáveis que contribuem para facilitar ou impedir a inteligibilidade da fala de um aprendiz ou falante de uma língua estrangeira (Field, 2003). Consideramos relevante aqui uma variável relacionada ao ouvinte: o grau de familiaridade que o ouvinte possa ter com um sotaque estrangeiro em particular. Esse grau de familiaridade, de acordo com estudo realizado por Smith & Bisazza (1982), pode facilitar a compreensão da fala do aprendiz de ILE. Essa variável não pôde ser controlada neste estudo por duas razões: (1) o contato que os participantes têm uns com os outros varia; e (2) nenhum deles foi capaz de explicar se a familiaridade que tinham com os sotaques dos outros participantes tinha facilitado a compreensão de vocábulos. Na análise faremos referência, apenas, a interferência da familiaridade em nossa compreensão.

3. Análise e resultados

A fim de mostrarmos os aspectos de pronúncia que causaram problemas de compreensão nas interações selecionadas, focalizaremos os vocábulos contendo tais aspectos, e os agruparemos em 4 categorias: consoantes, acentuação de palavras, consoante e acentuação, e ditongos. Mostraremos em cada categoria como cada vocábulo foi pronunciado e como o ouvinte conseguiu entendê-lo. Os participantes são identificados da seguinte forma: J = japonês; B = brasileira; A = alemão; T1 e T2 = tailandesas. As interações, incluindo as reações dos ouvintes, são mostradas no Anexo.

(1) CONSOANTES

1 T2: *watching* pronunciado [wɔʃɪŋ] (A ouve *washing* e só compreende quando um nativo, britânico, pronuncia *watching* corretamente)

2 A: *pubs* como [pəʊs] soando como [paps](T2 só compreende quando A repete *pubs* adicionando o vocábulo *drink*)

3 A: *wig* como [wɪg] soando como [wɪk] (B só entende quando A coloca as mãos sobre a cabeça mostrando os cabelos)

4 J: *flat* como [fræt] (B só entende quando mencionado pela segunda vez)

5 T2 *bird* como [bɜː] (B não entende até T2 imitar o vôo de um pássaro com as mãos)

(2) ACENTUAÇÃO DE PALAVRAS

6 T1 *Edinburgh* como eDINburgh³ (B não entende até T1 adicionar que é um lugar na Escócia)

7 T1: *machine* como MACHine (B não entende até T1 mencionar o vocábulo *computador*)

8 T2: *familiar* como FAMiliar (B entende quando produzido pela segunda vez)

(3) CONSOANTES E ACENTUAÇÃO DE PALAVRAS

9 T2: *umbrella* como umbreLLA [ʌmbrelˈlɑ] (B só entende quando T2 menciona o vocábulo *rain*)

(4) DITONGOS

10 T1: *play* como [ple] (B só entende quando T1 menciona *badminton*)

11 T2: *shade* como [ʃeɪd] (B só entende quando T2 mostra a sombra da árvore em que T2 e colegas estão sentadas)

CRUZ, N. C. Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

12 B: scare como [skɛ] (J compreende quando explicado com outras palavras)

Os dados apresentados focalizam 12 vocábulos que causaram quebras na comunicação entre os 5 participantes. Discutiremos aqui 3 aspectos relacionados aos dados mostrados.

O primeiro diz respeito ao tipo de desvio de pronúncia em cada categoria. Há, em cada categoria, vários tipos de desvios de pronúncia. Nas consoantes, podemos observar 4 tipos: (1) a substituição da africada /tʃ/ pela fricativa /ʃ/ em *watching* por T2; (2) a falta de sonorização das oclusivas /b/ e /g/ nos vocábulos *pubs* e *wig* por A; (3) a substituição da consoante /l/ por /r/ em *flat* por J; e (4) a omissão da oclusiva /d/ em *bird* por T2. A categoria acentuação de palavras mostra três vocábulos: (1) *Edinburg*, que recebe acento na segunda sílaba ao invés da primeira por T1; (2) *machine*, com acento na primeira sílaba ao invés da segunda também por T1; e (3) *familiar*, com acento na primeira sílaba ao invés da segunda. A terceira categoria contém o vocábulo *umbrella*, com dois tipos de desvios produzidos por T2: (1) a substituição da consoante /r/ por /l/; e (2) acentuação na terceira sílaba ao invés da segunda. Na categoria ditongos há dois desvios: (1) o ditongo /ei/ é pronunciado como a vogal pura /e/ em *play* por T1 e em *shade* por T2; e (2) o ditongo /eə/ é produzido como a vogal pura /ɛ/ por B.

A forma como alguns vocábulos foram pronunciados reflete dificuldades específicas de pronúncia que os participantes das diferentes L1 têm. O participante A, por exemplo, não sonoriza as consoantes oclusivas /b/ e /g/ nos vocábulos *pubs* e *wig*, pronunciando-os como [paʊs] e [wiŋ] respectivamente. A ausência de sonorização das oclusivas em posição final de vocábulos é uma característica do sotaque estrangeiro de falantes alemães de inglês (Jenkins, 2000: 102). O participante J pronuncia *flat* como [fræt], evidenciando uma dificuldade inerente a falantes japoneses de inglês: substituição da consoante /l/ por /r/ (Jenkins, 2000: 63). Essa substituição também pode ser encontrada na pronúncia de tailandeses. No vocábulo *umbrella*, a substituição ocorre de maneira inversa, ou seja, /r/ por /l/, uma vez que T2 produz a consoante /r/ em *umbrella* como /l/. Além da dificuldade na pronúncia dessas duas

consoantes, T1 e T2 mostram dificuldades relacionadas à acentuação de palavras, que é uma característica comum na fala de tailandeses.

O segundo aspecto relacionado aos dados refere-se aos recursos usados pelo falante para que o ouvinte pudesse compreender corretamente o vocábulo contendo o desvio de pronúncia. Os ouvintes precisaram de informações adicionais, tais como o contexto e recursos paralinguísticos. O contexto, por exemplo, auxiliou T2 a compreender [paʔs] quando A menciona o vocábulo *drink*. Também auxiliou B a compreender eDINburgh quando T1 menciona Scotland. Os recursos paralinguísticos referem-se aos gestos e mímicas. Dois exemplos incluem: (1) B entende [wɪŋ] quando A coloca as mãos sobre a cabeça mostrando os cabelos; e (2) B entende [bɜ:] quando T2 imita o vôo de um pássaro com as mãos.

O terceiro aspecto está relacionado à variável familiaridade do ouvinte. Como mencionado na descrição da fundamentação teórica (ver item 3), faremos referência apenas a nossa familiaridade com os sotaques dos outros participantes. Apesar de termos obtido alguma familiaridade com o sotaque dos outros participantes ao longo do nosso período de convivência, tal familiaridade não facilitou totalmente a nossa compreensão nas interações mostradas aqui. Não pudemos entender, por exemplo, o vocábulo *bird*, pronunciado como [bɜ:], mesmo já tendo tido contato com T2 durante 10 meses.

4. Considerações finais

Através dos resultados obtidos, podemos agora responder a pergunta proposta na introdução que, na verdade, focaliza o objetivo deste estudo: os aspectos de pronúncia que causaram problemas de compreensão entre os falantes participantes deste estudo estão incluídos no LFC proposto por Jenkins (2000).

Comparando os aspectos de pronúncia que causaram problemas de compreensão entre os participantes deste estudo com aqueles incluídos no LFC proposto por Jenkins (2000), observamos que há aqui 1 aspecto, acentuação de palavras, excluído do LFC. Jenkins (2000: 150) comenta que acentuação de palavras pode ser importante quando o ouvinte é nativo da língua inglesa, mas que só causa problemas de inteligibilidade em interações envolvendo falantes de ILI quando ocorre em combinação com outro desvio de pronúncia. Essa combinação pode ser observada nos dados mostrados aqui no vocábulo *umbrella*, pronunciado como umbreLLA [ʌmble^lla] (ver exemplo 9), onde, além do desvio de

acentuação, há também a substituição da consoante /r/ por /r/. No entanto, os dados mostram três outros vocábulos, *Edinburgh*, *machine* e *familiar*, com apenas desvio de acentuação, que não foram compreendidos corretamente por B. Portanto, apesar de termos apenas três vocábulos, os dados relacionados à acentuação de palavras apresentados aqui apontam para dúvidas quanto à confiabilidade do LFC.

Apesar de termos respondido a pergunta que propomos na introdução, consideramos necessário abordar outros dados relacionados à acentuação de palavras, que fazem parte de outras interações entre os participantes deste estudo, e que também podem apontar dúvidas relacionadas à confiabilidade do LFC. Nesses dados, outros vocábulos contendo desvios de acentuação foram entendidos corretamente quando produzidos pela primeira vez. Alguns exemplos incluem:

1 T2: PHYsics como phySICS (B e A entendem)

2 T2: graMMAtically como grammaTically (B entende)

3 T1: SCHEdule como scheDUle (B compreendem)

Entendemos a dificuldade em explicar a variabilidade dos ouvintes na compreensão dos vocábulos contendo o mesmo desvio de pronúncia. No entanto, podemos sugerir alguma explicação baseando-nos em argumentos propostos por Field (2003). Field (2003) aborda a complexidade em se medir inteligibilidade, discutindo as inúmeras variáveis relacionadas ao ouvinte que contribuem para facilitar ou impedir a inteligibilidade de um falante. Algumas das variáveis mencionadas incluem: a representação fonológica do ouvinte; a influência da língua materna nas categorias fonológicas do ouvinte; a familiaridade do ouvinte com o sotaque estrangeiro do falante; o estilo de ouvir do ouvinte, isto é, o estilo é local (o ouvinte atenta para detalhes fonológicos) ou holístico? Devido a essas variáveis, Field (2003) chama a atenção para a necessidade em se adotar uma metodologia apropriada ao se medir inteligibilidade. O autor levanta dúvidas sobre a metodologia da observação, que é aquela utilizada por Jenkins (2000) e também neste estudo, mencionando, inclusive, o estudo realizado por Jenkins (2000)⁴. Segundo o autor, estudos experimentais com o controle de variáveis podem tornar os resultados de estudos em inteligibilidade mais confiáveis. Concordamos com Field (2003) e acreditamos que a variabilidade dos ouvintes em compreender palavras contendo o mesmo desvio de pronúncia que foram encontradas neste estudo pode ser atribuída à falta de controle de variáveis relacionadas aos ouvintes, que não puderam ser feitas aqui. Tal controle é difícil com a metodologia que adotamos. Ausência de controle de variáveis dos ouvintes pode, portanto,

CRUZ, N. C. Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

ser um outro fator que aponte dúvidas quanto à confiabilidade do LFC proposto por Jenkins (2000).

¹ A oportunidade de fazer um Doutorado Sandwich na Universidade de Birmingham, Inglaterra, deu-nos a oportunidade de coletar os dados para este estudo. A brasileira, portanto, refere-se à pesquisadora.

² Exceto a brasileira, nenhum dos outros participantes dedicava-se a estudos lingüísticos ou ensino de línguas estrangeiras. Sugerimos que esse pode ter sido um dos motivos que ocasionou a dificuldade em explicar a causa da falta de compreensão.

³ Letras maiúsculas correspondem à sílaba acentuada.

⁴ Jenkins (2000) não faz referência em seu estudo a controle de variáveis relacionados aos ouvintes.

ANEXO

(1) CONSOANTES

1 A You went to sleep late

T2 Yeah, I was watching [wɔʃɪŋ] the tele

A: were you washing the tele?

(um falante nativo, britânico, que estava no momento da interação diz:)

Falante nativo: watching [wɔʃɪŋ] the tele

A: yeah, watching!! [wɔʃɪŋ]

T1 e T2: washing, watching, ... (As tailandesas começaram a repetir os vocábulos washing [wɔʃɪŋ] e watching [wɔʃɪŋ], como se estivessem praticando a pronúncia desses vocábulos e se conscientizando da pronúncia adequada da fricativa e africada).

2 A: They go to [pəʊs]

T2: ↗ Sorry?

A: They go to pubs [pəʊs] to drink

T2: yeah (risos) That's the British culture

3 A: How often do you go swimming?

B: three times a week. I don't go every day because I worry about my hair

A: Your hair?

B: Yeah, because of the water, my hair falls off very easily

A: you mean the chlorine?

B: Yeah

A: You can have a wig [wɪk]

B: ↗ Sorry? ↗ I can have

A: a wig [wɪk] (coloca as mãos sobre a cabeça)

B: (risos)

4 J: Have you heard of the poison found in London?

B: yes, where did they find it?

J: In a flat [fræt]

B: ↗ Sorry?

J: In a flat [fræt]

B: Ah, yeah

5 (B, cedo pela manhã, ao ver que há lixo fora do balde de lixo da casa, sugere que um gato tenha sido o responsável por isso)

B: A cat visited us last night

T2: no, it's not a cat, it's a bird [bɜ:]

B: ↗ Sorry?

T2: a bird [bɜ:]

B: could you spell it?

T2: a bird [bɜ:] (imita o voo de um pássaro com as mãos)

(2) ACENTUAÇÃO DE PALAVRAS

6 T1 estava mostrando a B fotos que tinha tirado durante viagens.

B: What place is this?

T1: eDINburgh

B: ↗ Sorry?

T1: eDINburgh

B: ↗ Sorry?

T1: In Scotland.

B: Okay!

7 T1: I wouldn't like to go to Uni today, but I already booked a MACHine.

B: ↗ Sorry? ↗ you booked a?

T1: MACHine, the computer

B: ok, maCHIne

8 T2 comentava sobre a sua experiência com o inglês falado pelos Britânicos

T2: I tried to get FAmiliar with their accent

CRUZ, N. C. Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

B: ↗ Sorry? to get?

T2: FAamiliar

B: oh, faMiliar

T2: Yeah, yeah, that's it

(3) CONSOANTES E ACENTUAÇÃO DE PALAVRAS

9 T2: Have you got the umbreLLA? [ʌmbɫeˈlʌ]

B: ↗ Sorry?

T2: the umbreLLA [ʌmbɫeˈlʌ]. The rain.

DITONGOS

10. T1: Are you ready to play [plɛ] tomorrow?

B: ↗ Sorry?

T1: To play [plɛ] badminton

B: Oh, yes

11. (T2 e outras colegas estão no campus da universidade sentadas no gramado na sombra de uma árvore. B se aproxima)

T2: The weather's nice. We're here on the shade [ʃɛd].

B: ↗ Sorry

T2: On the shade [ʃɛd] (mostrando a sombra da árvore)

B: Okay

12 B: There was a bomb scare [skɛ] here in the campus yesterday

J: ↗ sorry ↗ a bomb

B: a bomb scare [skɛ]. I was told someone put a bomb here yesterday.

J: ah a bomb scare (J, apesar de reticente, admitiu ter tido dificuldades em entender B)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DETERDING, D. Review of The phonology of English as an international language. *Speak out!* V. 27, 2001. pp. 38-39.

FIELD, J. The fuzzy notion of 'intelligibility': A headache for pronunciation teachers and oral testers. *IATEFL Special Interest Groups Newsletter*, 2003. pp. 35-38.

HEWINGS, M. Review of The phonology of English as an international language. *ELT Journal*, V. 55, N. 3, 2001. pp. 327-329.

JENKINS, J. The phonology of English as an International Language.

CRUZ, N. C. Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Oxford: Oxford University Press, 2000.

KEYS, K. & WALKER, R. Ten questions on the phonology of English as an international language. *ELT Journal*, V. 56, N. 3, 2002. pp.

SEILDHOFER, B. Habeas corpus and divide et impera: Global English and applied linguistics. In: K Spelman Miller & P Thompson (eds) *Unity and diversity in language use*. London: Continuum, 2002. pp. 198-217.

SMITH, L. E. & BISAZZA, J. A. The comprehensibility of three varieties of English for college students in seven countries. *Language Learning*, V. 32, N. 2, 1982. pp. 259-269.